

por isso emprensos, pugnar pela instrução dos nossos consocios, sem, todavia, autopsiarmos a sociedade em que vivemos.

A REDACÇÃO.

Alexandre Herculano

Hoje, que é o oitavo anniversario do passamento d'esse vulto proeminente, a nação portugueza traja o lucto e banha de lagrimas o tumulo do filho de tanto soube engrandecel-a!

Alexandre Herculano, no mundo physico foi—um homem—; no mundo litterario—um astro—, que se librou sempre nas mais altas regiões da Sabedoria, e em sua gravitação, obedecendo ás leis da materia, de embate á Fatalidade e... desapareceu!

O seu desaparecimento foi uma catastrophe que pesou sobre a litteratura da patria do immortal auctor do *Luziadas*.

Como litterato e escriptor das *Lendas e Narrativas*, legou ao mundo pensante obras de subido merito, tanto pelo cunho de sciencia e moralidade que mostraram, como pelo criterio com que é modelada sua orientação.

Consideradas pelo lado classico, as suas obras occupam lugar distincto entre as dos seus mais notaveis contemporaneos. A' sua sabedoria deve a lingua portugueza d'este seculo as mais importantes reformas.

No *Eurico*, monumental romance que lhe valeu a admiração geral, a singeleza e amenidade do estylo casam-se á phrase artistica e magistralmente lançada.

Alexandre Herculano, soube ser um valente soldado nas conquistas da intellectualidade, como um devoto apostolo das mais sublimes virtudes.

Vertamos, pois, uma lagrima á memoria do grande mestre que emigrou da vida!
13—9—85.

LYDIO BARBOSA.

Pérolas no ar

A' HENRIQUE VALGA

N'aquellas plagas serenas,
como voam brandamente
alegres, brancas phalenas
ao som da brisa innocente!

Que rizados, que amores,
que bom aroma dos prados;
parecem beijos alados
parecem nuvens de flores

Nas correntes crystalinas
do regato, vai boiando
de pel'las de flôr um bando,

Que alegres, purpurinas
como crianças traquinas
sobre as aguas vão brincando.

H. BERLINCK

Album

O LAVRADOR

A' CELESTINO JUNIOR

Depois de um sommo pesado, produzido pela fadiga do trabalho diurno, levanta-se do humilde leito o pobre lavrador.

Começa a amanhecer; a radiante aurora surge enrubecendo as orlas das montanhas.

A bôa esposa levanta-se tambem, accende o fogo, sobre o qual colloca a chaleira cheia de agua pura tirada do ribeiro que corre bem perto da casa, e depois com o regaço cheio de milho vai derramal-o no terreiro, onde a seu chamado reúnem-se as gallinhas.

Voltando, prepara o café ao marido, que na soleira da porta amola n'uma pedra o grande facão.

Depois de tomar o café com alguns saborosos *beijús* dirige-se o lavrador com a enxada ao hombro e o facão á cinta para a *roça* que se acha um tanto distante.

Pelo caminho tortuoso vai cantando uns versos conhecidos com voz forte e sonóra, que se perde pelas quebradas dos barrancos.

Os passarinhos com suas plumagens bonitas entôam seus cantos vibrantes, pousados aqui e além nos ramos dos arbustos.

As formigas, trabalhadoras como são, conduzem a seus domicilios o sustento necessario á conservação de suas pequenas vidas, afim de que não morram de fome quando o vento frio e cortante do inverno varrer aquelles lugares.

Chega o lavrador á *roça*.

O sol já derrama toda a sua luz sobre a terra, que apresenta uma vitalidade espantosa.

Começa então a plantação.

Ardua tarefa!

Augmenta o calôr, e o lavrador suado, cansado, trabalha e trabalha sempre, porque de seu trabalho depende o alimento de sua familia e as commodidades de seu lar.

Chega a hora do jantar, pois os raios do sol já cahem perpendicularmente.

O lavrador volta á casa; a seu encontro vêm duas crianças rosadas, pobremmente vestidas, porém alegres e felizes por poderem receber a benção e os carinhos de seu extremoso pai. Este os abraça, beija e só pensando na felicidade de sua vida dirige-se ao parco, saudavel jantar que o espera sobre uma esteira estendida no chão, pois o pobre nem sempre pôde ter uma meza.

Terminada a simples refeição composta de fei-

jão, peixe e laranjas, satisfeito volta o lavrador ao trabalho; agora o acompanham os dous meninos correndo na frente, occultando-se atraz das moitas para pregar sustos ao papá ou colhendo os *maracujás*, que maduros apparecem por entre a verde folhagem.

Chegam ao theatro do trabalho; principia de novo a lucta entre a enxada, manejada por dous braços fortes e a terra dura, que offerece cruel resistencia.

A força do homem vence a opposição do terreno.

O trabalho continúa sempre até que o sol desaparece completamente purpureando as pequeninas nuvens que fluctuam no infinito azul.

Voltam á casa.

As gallinhas procuram os galhos dos cafeseiros para pernoitarem.

Vêm a ceia, todos comem satisfeitos: O lavrador narra a seus filhos, que attentos e boquiabertos o escutam, a historia da princeza encantada.

Depois da oração da noite e de terem beijado os pais, vão os meninos dormir.

Ao lavrador exausto ainda não chegou a hora do descanso, pois vai faltando o peixe e é necessario terminar a pequena rêde para poder pescar no primeiro dia que fizer *bôa lua*.

A mulher á luz de uma candeia cose com uma ligeireza de admirar.

Terminada a rêde e as costuras vão descansar e jubilosos recebem o sommo que encerra suas palpebras cançadas com o espanear de suas brancas azas.

Talvez sonhem em algum jardim, qual Paraizo da Biblia, onde tudo sejam flôres e risos, alegria e felicidade.

REINALDO MACHADO.

Vozes da noite

A' ESTELITA WERNER

Ella lá estava.

Eram seis horas, principiavam as luzes a illuminar as casas, quando encaminhei-me por uma das ruas mais isoladas.

O vento que soprava do sul era frio e encomodativo, porém em nada perturbava os meus desejos.

O céu, como uma enorme bandeira azul, bordada com florões de oiro, estendia-se sereno, sem uma só nuvem, nem perturbação.

A lua ainda crescendo, derramava pela cortina transparente do ether, suas lagrimas aljofaradas.

Segui e dobrando a esquina ouvi uma voz melodiosa que cantava ao som de um magnifico piano; parei, as cortinas não deixavam tor-

nar-se visivel a scena que se representava no interior.

Porém aproximando-me mais vi que eram ellas transparentes; então senti uma certa emoção, recuei um passo.

Ella lá estava.

As flôres, as luzes, a alegria eram os ornamentos da sala.

Dansavam uma walsa.

Ella tambem walsava com um ar elegante, vivo; era uma estrella do céu que dançava ao som da musica da terra.

H. BERLINCK.

Triolet

Teu lindo quarto minoso,
o' minha gentil menina,
é bem quente, é perfumoso,
teu lindo quarto minoso;
tem aromas de bonina,
cortinado setinoso,
teu lindo quarto minoso,
o' minha gentil menina.

REINALDO MACHADO.

Verdades

Quando o homem em lucta renhida com as trevas da ignorancia, busca nos livros a luz sublime da sabedoria, dá por certo um passo para o aperfeiçoamento, que distingue-o das «nullidades» que a sociedade moral repelle de seu seio.

Segundo a lei do mundo civilizado, segundo os bons philosophos e os grandes sabios, a maior obrigação que temos, quando criança, é—estudar—, para podermos um dia apresentar-nos á sociedade, e sermos por ella respeitados e considerados conforme a posição que occupamos em seu vasto recinto.

Sim! o homem que deseja não ser pesado á sociedade, estuda, estuda muito para poder mais tarde o publico sensato apreca-lo.

E assim, quando acabamos os nossos estudos, quando sahimos triumphantese victoriosos, por termos vencido uma barreira tão difficultosa, que é o—estudar—a sociedade regosija-se por ver-nos em seu seio, como uma mãe alegre-se ao ver o seu filho depois de tantos annos de ausencia.

Desterro, 7-9-85.

FERNANDO CALDEIRA.

Esboço sem arte

HORACIO BERLINCK

Quem deixará de conhecer o nosso sympathico e tão popular H. Berlinck?

Ninguem -- responderão todos que lerem este *esboço*, ainda que mal esboçado.

Na verdade é o nosso collega e amavel Berlinck um dos estudantes mais conhecidos de nossa pittoresca ilha do Desterro.

Visto uma vez o seu rosto jovial, sempre com um riso a brincar-lhe nos cantinhos dos labios; reparando-se n'aquelle olhar intelligente, quem poderá por momentos, siquer, esquecer-se d'aquella physionomia expansiva, agradavel?

De estatura regular, moreno, cabellos e olhos da côr do azeviche, é o nosso Berlinck um conjuncto de sympathia, de amabilidade para com seus amigos.

Tratando com pessoas que, já pela sua idade, já pela sua posição social, requerem toda a urbanidade, todo o respeito, vel-o-eis, o amavel Berlinck, serio, grave, a desenrolar, com maneiras affaveis, as regras de civilidade as mais perfectas.

É um cavalheiro o nosso heróe, *comme il faut*.

Dotado de um excellente coração, é de um caracter verdadeiramente sincero.

Intelligente, como todos o sabem, possui uma facilidade admiravel no escrever; tem um gosto particular para os discursos e a prova é que, em qualquer reunião que haja, não póde o nosso homem deixar de soltar brilhantemente o *verbo*.

Suas palavras, quando entre amigos,

tem o maior cuho do chiste e sabe, com tal graça, arranjar uma phrase latina, lá a seu modo, que torna-se impossivel conservarem-se serias as pessoas que se acham presentes.

Em qualquer grupo de moços que não esteja o Berlinck, sempre falta — um quer que seja — e todos lastimam a sua ausencia.

Tem, porém, um defeito, e é este o seu fraco: gosta muito de moças!

E, si, por exemplo, lança-lhe uma Julieta alguns olhares ternos, um d'esses sorrisos que prendem, que fascinam, notar-se-á em sua organização uma metamorphose completa: toma immediatamente a sua lyra poetica e modula abi es mais harmoniosos, os mais sentimentaes — triolets. —

Finalmente, encontrareis no Berlinck um amigo *certus in re incerta*, um filho e um irmão extremosos, possuindo taes qualidades, taes maneiras de trato que logo á primeira vista attrahem, seduzem mesmo.

Sinto não dispôr da habilidade litteraria, da correcção de phrase, da belleza d'estylo dos intelligentes jovens Lydio e Reinaldo para apresentar, tal qual é, o retrato do inseparavel amigo — Horacio Berlinck.

URTEFAS ERWON.

CLUB LITTERARIO RAMOS JUNIOR

Faço saber aos Srs. Socios que hoje e haverá sessão, ás 7 horas da noite.

Peço o comparecimento dos mesmos Srs.

Desterro, 17 de Setembro de 1885.

— O 1º Secretario, *Fausto Werner*.

TYP. DO «JORNAL DO COMMERCIO»